

Interseccionalidade, racismo e sexismo: estereótipos e resistência na trajetória de Erika Hilton¹

Adryelson da Silva de Sousa²
Francisco Rony da Silva Colares³
Estefane Ribeiro dos Santos⁴
Ed Ney Borges Dias⁵
Instituto de Cultura e Arte - ICA
Universidade Federal do Ceará - UFC

RESUMO

O trabalho analisa um trecho da participação de Erika Hilton no programa “ReConversa”, abordando os estereótipos construídos sobre mulheres pretas e travestis na sociedade. A pesquisa correlaciona essas representações com o conceito de interseccionalidade, descrito por Crenshaw em “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero” (2018) e com as pautas discutidas por Gonzales em “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1984). O objetivo é explorar como essas camadas de opressão interagem para perpetuar estruturas de desigualdade, destacando a importância de compreender tais dinâmicas na luta por equidade e reconhecimento político social.

PALAVRAS-CHAVE: Interseccionalidade; representatividade; estereótipos; racismo; sexismo.

INTRODUÇÃO

Os espaços de poder são caracterizados, em sua maioria, por um perfil de dominância: uma imagem masculina, cisgênera e heterossexual. Parte dessa construção está ligada com processo de exclusão social e dos filtros institucionais que acabam marginalizando representatividades nesses espaços. Mas para além do perfil de dominância, outras representações conquistam seu lugar nesse local, mulheres negras e a população LGBTQIAPN+ começam a virar grandes perfis políticos e midiáticos, alcançando lugares de disputas, ações e representação.

Ainda que com todas as adversidades representadas pelos mecanismos de reprodução das desigualdades sociais, mulheres e LGBTQIAPN+, em especial aqui a população transexual e travesti, têm resistido e conquistado

¹Trabalho apresentado para Grupo de Trabalho GTNE03 - Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 24 a 26 de junho de 2025.

²Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: adryelsonsousa@gmail.com

³Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: ronycolares@alu.ufc.br

⁴Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: estefaneribeirodosantos@gmail.com

⁵Professora do Curso de Publicidade e Propaganda do ICA-UFC, email: edborges@ufc.br

cada vez mais seus lugares nas esferas de poder. As mulheres, apesar de ocuparem somente 15% das 513 cadeiras na Câmara dos Deputados, possuem uma produção parlamentar mais efetiva do que os colegas homens, segundo levantamento do Observatório do Legislativo Brasileiro (OLB), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), divulgado pelo Estadão (2021). Silva, Eduarda (2024).

Nesse contexto de representatividade e visibilidade midiática traremos como objeto de estudo a primeira deputada federal negra e travesti eleita, Érika Hilton. Uma figura emblemática no cenário político e social brasileiro, representando uma confluência de lutas identitárias e políticas. Nascida em Franco da Rocha, São Paulo, em 1993, Érika é uma mulher trans, negra e periférica que conquistou um espaço inédito na política brasileira ao ser eleita deputada federal em 2022, após destacar-se como vereadora em São Paulo. Sua trajetória simboliza resistência e inovação ao desafiar normas históricas de exclusão e sub-representação.

Esse estudo tem como objetivo analisar um recorte de uma entrevista de Érika Hilton intitulada “Erika Hilton, para além da pauta transexual | Cortes do Reconversa”⁶, cedida ao programa Reconversa, de Reinaldo Azevedo, entendendo o papel da imagem da deputada para a quebra da estereotipação social pré estabelecida, trazendo questionamentos centrais como: Qual a imposição de limite para representatividade? Qual a personalização da imagem de uma mulher travesti e preta no cenário de poder? Qual a importância dessa mulher preta no combate a estereótipos nesses espaços?

Para resolução dessas questões resolvemos analisar o produto midiático com uma abordagem qualitativa e bibliográfica, com o aporte de pensadoras centrais que norteiam a escrita desse estudo, são elas “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero” (2018) de Kimberlé Crenshaw e Lélia Gonzales em “Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira” (1984).

Kimberlé Crenshaw, em sua teoria sobre interseccionalidade, oferece um arcabouço crítico para compreender como diferentes sistemas de opressão como o racismo e o sexismo interagem e estruturam desigualdades. Sua análise é relevante para examinar como a mídia representa identidades atravessadas por múltiplas opressões, como raça, gênero e classe. Já Lélia Gonzales contribui nas especificidades históricas e culturais do Brasil que em sua abordagem mostram as narrativas que desvalorizam corpos negros e femininos. Gonzalez expõe como a opressão de raça e gênero se

⁶ “Erika Hilton, para além da pauta transexual | Cortes do Reconversa”. Reinaldo Azevedo, 2024. Disponível em: <<https://youtube.com/shorts/3cIs4EWctCg?si=vYbRjtOWy7uTJ1KF>>.

manifesta em práticas cotidianas, discursos culturais e representações midiáticas, desvelando o papel da mídia na perpetuação ou contestação desses sistemas. A partir do diálogo entre as autoras, analisaremos como o corte da entrevista de Érika Hilton descreve uma narrativa de representações que podem ou não representar indivíduos sociais e como sua imagem é capaz de desafiar opressões e estereótipos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Kimberlé Crenshaw desenvolveu o conceito de interseccionalidade para analisar como diferentes formas de opressão – como racismo, sexismo e transfobia – se sobrepõem e criam experiências específicas de marginalização. Em “A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero” (2018), Crenshaw argumenta que a luta por direitos muitas vezes ignora as vivências daqueles que estão na interseção de múltiplas desigualdades, resultando em exclusões dentro dos próprios movimentos sociais.

Outros pensamentos importantes para o desenvolvimento deste trabalho são as propostas da escritora e ativista brasileira Lélia Gonzalez (1984) em seu texto “Racismo e sexismo na cultura brasileira” observa como o racismo e o sexismo se manifestam na cultura nacional. As mulheres negras são desumanizadas e reduzidas a estereótipos controladores.

No âmbito do seu estudo, revela que as mulheres negras são resumidas a objetos de desejo, idealizadas como “rainhas” e “Cinderelas do asfalto”, mas, ao mesmo tempo, são desumanizadas e limitadas a servir aos olhares de terceiros acerca de seu corpo. Essa dinâmica é sustentada por imaginários coloniais e patriarcais que vinculam os corpos negros, especialmente os femininos, à sexualidade e à subjugação. Essa fetichização representa uma violência simbólica que reforça estereótipos e restringe a autonomia e o reconhecimento pleno dessas mulheres como sujeitos complexos.

Ao analisarmos o produto midiático, iremos interpretar as falas de Érika através da análise do discurso (AD) é um campo interdisciplinar que investiga como a linguagem é utilizada em contextos sociais, políticos e culturais, indo além da estrutura gramatical para compreender as relações entre texto, fala e sociedade. Que para Iran (2009, p. 3, apud Fairclough, 2001) entendem o discurso e sua análise como:

“(...) uma prática social reprodutora e transformadora de realidades sociais e o sujeito da linguagem, a partir de uma perspectiva psicossocial, tanto propenso ao moldamento ideológico e lingüístico quanto agindo como transformador de suas próprias práticas discursivas, contestando e

reestruturando a dominação e as formações ideológicas socialmente empreendidas em seus discursos; ora ele se conforma às formações discursivas/sociais que o compõem, ora resiste a elas, resignificando-as, reconfigurando-as. Desse modo, a língua é uma atividade dialética que molda a sociedade e é moldada por ela”

ANÁLISE DA ENTREVISTA

Durante a entrevista, Erika Hilton, levanta questionamentos acerca de uma expectativa de uma representatividade universal que se atribui à ela, pelo fato de ser uma mulher negra e transsexual. Ela afirma que o simples fato de sua presença no espaço político e midiático não pode abarcar todas as experiências das categorias sociais que a mesma está inserida. “Eu não falo em nome de todas as mulheres, eu não falo em nome de todas as pessoas negras e eu não falo em nome de todas as pessoas trans, porque esse movimento não é singular”(Erika Hilton, para além da pauta transexual, 2023, 0 min 00 s). Hilton reflete acerca da singularidade de sua trajetória, decorrente de experiências individuais, como transporte público precário na periferia e a realidade vivenciada por ela e sua família, quando mais jovem. Além disso, ela pontua que sua identidade é percebida de forma fragmentada, a partir de marcadores como gênero, raça e transsexualidade, enquanto ela mesma reivindica apenas a "existência".

A partir da reflexão de Érika, podemos perceber um alinhamento com o conceito de interseccionalidade, descrito pela autora Kimberlé Crenshaw na obra "A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero". Crenshaw afirma que as opressões que se relacionam a gênero, classe social e raça não atuam de forma isolada, mas sim simultânea e interdependentemente, o que resulta em experiências individuais no que tange à marginalização. Com base nisso, a maneira como o preconceito e a discriminação se apresentam para mulheres negras não pode ser reduzida ao sexismo vivenciado por mulheres brancas ou até mesmo ao racismo enfrentado por homens negros. Hilton traz como exemplo dessa dinâmica como percepções externas de sua identidade - ser mulher, negra e trans - ofuscam a sua humanidade e individualidade.

Ao dizer que é sua própria história particular que a impulsiona a disputar um espaço na política, Érika trava uma batalha contra a homogeneização das identidades oprimidas, evidenciando a visão problemática de que a representatividade por si só é suficiente para atender à diversidade das experiências individuais dentro desses grupos. Sua fala ressalta a necessidade de entender as identidades com interseccionais e colocadas em contextos individuais, conforme os argumentos trazidos por Crenshaw.

“Não basta colocar uma pessoa preta, não basta colocar um pessoa trans, não basta colocar uma mulher e dizer ela representa a todos. Não represento.” (Erika Hilton, [...], 2023, 0 min 07 s) a Hilton, além de desconstruir as expectativas impostas por outros à ela, também reafirma a sua complexidade como indivíduo em um sistema que fraciona e nivela corpos e identidades.

Para as mulheres trans, especialmente aquelas de pele negra, a vivência é marcada por múltiplas formas de opressão: além de lidarem com a transfobia (que desafia sua identidade e sua existência), muitas também enfrentam situações semelhantes às mencionadas por Gonzalez sobre hipersexualização. Elas são frequentemente objetificadas e ligadas à prostituição e à marginalização, ao mesmo tempo em que sofrem rejeição e violência em contextos sociais. Essa conexão está profundamente enraizada na intersecção entre transfobia, racismo e desigualdade econômica.

Devido a falta de acesso aos direitos básicos do cidadão, como educação, trabalho e serviços de saúde, muitas mulheres trans acabam se vendo na situação de optar pela prostituição como uma forma de sobreviver financeiramente. Assim como as mulheres negras durante o carnaval são reduzidas ao estereótipo de “deusas mulatas”, as mulheres trans são colocadas em uma posição fetichizada que reforça a noção de que sua única contribuição social relevante é voltada para os prazeres alheios.

Antes de se tornar parlamentar federal, Erika teve que enfrentar a realidade da prostituição. Porém, Erika conseguiu transformar a experiência em força para seu ativismo. Sua experiência individual foi o combustível para que ela lutasse pela melhoria de diversos pontos da sociedade brasileira através da política. Ao ser eleita a primeira mulher trans a ocupar um espaço como deputada, Erika rompe com o estigma e o preconceito que muitas vezes relega as mulheres trans à marginalização e à invisibilidade.

CONCLUSÃO

Ao fim desta pesquisa, podemos concluir que a história da deputada Erika Hilton representa uma potência política muito forte no cenário brasileiro. A sua existência no senado é importante não só pela sua representatividade, ela também é um marco de resistência e mudança estrutural em um ambiente majoritariamente branco, machista e cisgênero.

O seu trabalho político propõe um futuro onde as trajetórias das mulheres negras e trans não sejam mais definidas pelo estigma, mas pela sua liderança, transformação e humanidade. Ao ocupar uma posição de poder tão relevante, ela demonstra como a interseccionalidade de gênero, raça e classe influencia tanto os obstáculos quanto as chances que indivíduos marginalizados enfrentam.

Erika Hilton também contesta as expectativas de uma representatividade universal, admitindo que sua trajetória, caracterizada por experiências pessoais como morar na periferia e enfrentar desafios como mulher trans e negra no Brasil, não abrange a totalidade das experiências de mulheres trans e negras no Brasil.

Isso, não só demonstra a sua complexidade pessoal, mas também provoca em nós uma compreensão ampliada e profunda acerca das sutilezas da representatividade na esfera política e social.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Reinaldo de. Erika Hilton, para além da pauta transexual | Cortes do Reconversa. 2023. 1 vídeo (0 min 59 s). Publicado pelo canal Reinaldodeazevedo. Disponível em: <<https://www.youtube.com/shorts/3cls4EWctCg>>. Acesso em: 15 dez. 2024

SILVA DE LIMA, Eduarda. Travesti Preta Deputada Eleita: estratégias de construção da imagem pública política de Erika Hilton. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Públicas), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, 2024. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/274292/001199258.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 15 dez. 2024.

CRENSHAW, Kimberle. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. [s.l.: s.n.], 2018. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4253342/mod_resource/content/1/Interseccionalidade_NaDiscriminacaoDeRacaEGenero_KimberleCrenshaw.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

GONZALES, Lélia. RACISMO E SEXISMO NA CULTURA BRASILEIRA. [s.l.: s.n.], 1984. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7395422/mod_resource/content/1/GONZALES%2C%20L%C3%A9lia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2024.

MELO, Iran Ferreira de. Análise do discurso e análise crítica do discurso: desdobramentos e intersecções. [s.l.: s.n.], 2009. Disponível em: <https://cienciaslinguagem.eca.usp.br/Melo_ADeACD.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2025.